

DOSSIÊ – ARTIGOS

SOBREVIVÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA OU DE COMO SEGUIR VIAGEM¹

SURVIVAL IN THE TIMES OF PANDEMIC OR HOW TO CARRY ON WITH THE TRIP²

Ana Archangelo³

Resumo: Pensar a sobrevivência a partir de dentro da própria experiência de sobreviver à pandemia provoca intenso desassossego. O indivíduo é tomado por frases e imagens potentes, mas elas parecem não levá-lo a lugar algum, abandoná-lo em local ermo, no meio do caminho entre o vazio e algum entendimento. O presente artigo procura ser uma metáfora da pergunta-guia que o nomeia. É, assim, ele mesmo, expressão do movimento de uma mente em busca de sobrevivência. Portanto, uma fala-ilustração. Descreve os fragmentos de pensamento que se apresentam ao indivíduo e assumem diferentes formas, mobilizando inúmeros sentimentos, muitas vezes contraditórios, aos quais se procura dar guarida, a despeito do desejo íntimo de apenas abandoná-los. Conclui que a sobrevivência não deixa alternativa, senão a do aqui e agora; a condição inalienável da experiência de sobrevivência é que o indivíduo é convocado a abraçar aquilo de que não pode escapar.

Palavras-chave: Pandemia e sobrevivência psíquica; pandemia e psicanálise; funcionamento psíquico e pandemia.

Abstract: Considering survival from inside one's own experience of surviving the pandemic provokes intense unease. One is overwhelmed by potent phrases and images, but they seem to lead nowhere, to abandon one in a forsaken place, halfway between the void and some understanding. This article is a metaphor for the question-guide that gives it its title. It is thus itself an expression of the movement of a mind in search of survival. Therefore, a speaking illustration. It describes the fragments of thinking that are presented in the person assuming different forms, mobilizing countless feelings, very often contradictory, to which s/he seeks to give refuge, despite his/her inner desire to simply abandon them. It concludes that survival gives the person no alternative other than that of here and now; the inalienable condition of the experience of survival is that one is invited to embrace that from which none can escape.

Keywords: Pandemic and psychic survival; pandemic and psychoanalysis; psychic functioning and pandemic.

Uma mente em movimento

Minhas atividades de pesquisa e de extensão têm sido dedicadas, há muitos anos, a escolas localizadas em áreas de alta exclusão social. Desdobrando-me de tais atividades, desde o ano

¹ A versão inicial deste texto foi originalmente apresentada no evento *on line* “Coronavírus: Sobrevivência em tempos de pandemia”, promovido pela Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp), em 19 de maio de 2020, à qual a autora agradece o convite.

² The initial version of this text was originally presented during the online event “Coronavirus: survival in times of pandemic”, held by the Unicamp Teaching Staff Association (Adunicamp), on May 19, 2020 whom the author thanks for the invitation.

³ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

passado (2019), venho me debruçando, juntamente com outros colegas pesquisadores, sobre a temática da sobrevivência psíquica de alunos e professores e elaborando um novo projeto de pesquisa sobre o assunto. Não imaginava, portanto, que o convite para o debate sobre “A sobrevivência em tempos de pandemia” estimulasse minha mente de uma forma tão peculiar. Mas foi o que ocorreu. Falar de sobrevivência a partir de dentro da própria experiência de sobreviver à pandemia provocou em mim intenso desassossego que, por sua vez, fez brotar, noite após noite, uma coleção de frases e imagens. Como ouvi de uma pessoa próxima, temos o mundo do dia e o mundo da noite, e precisamos de dois mundos para dar conta da vida.

Mas, voltando às frases e imagens, elas eram tão potentes quanto aparentemente descontínuas e desconexas, inspirações quase oníricas para inícios de conversa sem pistas de conclusão. Levavam-me como uma composição férrea, cujo inconveniente era me obrigar a desembarcar em lugar ermo, fazer esperar outra composição que me conduzisse a mais algum ponto de um destino desconhecido. Potentes, transportavam-me, contudo, até o meio do caminho e ali me abandonavam, desafiando-me a sobreviver – talvez a própria metáfora da pergunta-guia do tema da conversa. O desenrolar de minha fala é, assim, ele mesmo, expressão do movimento de uma mente em busca de sobrevivência. Portanto, uma fala-ilustração.

Tomo a liberdade, então, de descrever os fragmentos de pensamento que se apresentaram em mim e assumiram diferentes formas, mobilizando inúmeros sentimentos, muitas vezes contraditórios, aos quais procurei dar guarida, a despeito do desejo íntimo de apenas abandoná-los e de declinar, de última hora, do convite da participação no evento. Seria uma hipótese logicamente plausível, ainda que pragmaticamente absurda. Mas chamo atenção para ela, para já introduzir um aspecto do processo de sobrevivência. Voltando à hipótese: a voz interior, envergonhada, mas desejante, imaginava sugerir a suspensão do evento, até que eu recolhesse todas as condições necessárias para apresentar-me sem riscos, com a possibilidade de encadeamento formal impecável de meus brilhantes, profundos e irretocáveis pensamentos – quem sabe, idealmente, após encerrada a pandemia. No entanto, a sobrevivência não nos deixa alternativa, senão a do aqui e agora, pois a condição inalienável da experiência de sobrevivência é que somos convocados a abraçar aquilo de que não podemos escapar.

Algo a respeito da sobrevivência e de nosso funcionamento psíquico

Antes de entrar na descrição de minhas frases e imagens, gostaria de abrir um parêntese e comentar que a sobrevivência fala do sofrimento constituído no viver e envolve, portanto, diferentes gradientes de funcionamento psíquico.

Trata-se de profundo

sofrimento psíquico que se estrutura intrapsiquicamente, porém em interação dinâmica com as dimensões da experiência compartilhada, ou seja, dinâmicas fundamentalmente intersíquicas e, portanto, sociais. [...] São várias as modalidades de sobrevivência ao sofrimento, a depender de sua extensão e duração no tempo: desde aquela em que a experiência catastrófica permite o desenvolvimento de recursos psíquicos e a expansão das possibilidades de ser, até aquela cujo aspecto letal da catástrofe se instala internamente como letalidade psíquica, capaz de imobilizar áreas inteiras da mente e provocar efeitos mortíferos tanto no ambiente interno quanto no externo (ARCHANGELO *et al.*, 2020, p. 11; 15).

Portanto, a sobrevivência pode variar, desde um processo que promove o desenvolvimento, até aquele que leva o sujeito a projetar letalidade sobre si e sobre os outros

e, mesmo, eventualmente, extrair a vitalidade destes. Aqui abordarei a sobrevivência no primeiro sentido, muito embora tenha convicção de que, por exemplo, discussões cuja ênfase recaíssem sobre a geopolítica atual, a política nacional, a economia, exigiriam um exame da segunda categoria.

Parêntese fechado, começo, então, pela primeira frase que me acometeu como febre: “Na pandemia, somos convocados a recrutar nossos recursos psíquicos mais sofisticados, aqueles que julgávamos possuir (ter posse de, controlar), justamente no momento em que a realidade que se abate sobre nós os enfraquece, debilita”. Principalmente para nossa comunidade acadêmica, que tem enorme apreço pela racionalidade, pelo rigor, pelo pensamento hipotético-dedutivo, pelo contraditório, ver-se temporariamente desguarnecido de tais ferramentas pode ser avassalador, do ponto de vista narcísico (FREUD, 1914).

E por que a realidade que se abate sobre nós debilita nossos recursos? Klein (1991) nos ajuda a pensar sobre isso. Ela nos ensina que, em momentos de tensão, tendemos a lidar com um objeto que perde sua integralidade e passa a ser considerado parcialmente, como um “perseguidor”, que nos remete inevitavelmente a ansiedades arcaicas e defesas menos integradas. O psiquismo, colocado diante do objeto dividido, ora o reconhece como bom, ora como mau, em lugar de integrar ambos aspectos num objeto total. Os recursos mais sofisticados (integrados) que permitem sustentar e tolerar aspectos aparentemente contraditórios num mesmo objeto parecem desvanecer. Buscamos, então, freneticamente, um objeto ao qual atribuir todas as qualidades e outro ao qual atribuir toda destrutividade, toda atividade conspiratória. Valemo-nos deste para projetar no exterior também nossas partes persecutórias, nossa angústia de morte, nossa própria destrutividade. E aí nos sentimos profundamente ameaçados por ele.

A realidade sempre se presta a ofertar objetos afeitos a ocupar o lugar do perseguidor, mas, particularmente na atualidade, padecemos da infelicidade de ela estar especialmente repleta deles. O vírus, com seu caráter mortífero, e com as exigências sanitárias que o acompanham, fica facilmente colocado na condição do destruidor. Junta-se a isso a letalidade de nosso ambiente político, que despreza a vida, protege interesses que atacam nossa dignidade e nossa capacidade de pensar, diariamente. Mas esse tema fica para uma outra conversa. O vírus, a higienização excessiva que ele exige, o isolamento a que concretamente nos submete, elementos que, como afirmou Bernardo Tanis (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO, 2020), nos colonizam, são bons depositários de nossa angústia, de nossa ira. Nada nem ninguém é capaz de negar que eles, de fato, tenham feito irromper uma experiência pré-catastrófica, para dizer o mínimo; até mesmo os negacionistas, que desprezam a letalidade do vírus e seus desdobramentos, se valem do ambiente de catástrofe na economia para expressar o mesmo terror em relação à morte e ao caos.

Todavia, intimamente, o que mais nos assombra, talvez não seja o vírus, mas a possibilidade de reconhecer que tal terror é reedição de experiências que nos são familiares (FREUD, 1964 [1919]): a constatação da inevitabilidade e da imprevisibilidade da morte, a convivência com processos constantes de exclusão em níveis micro e macro de nossas vidas, as relações de poder que nos submetem. Mais do que isso, assombra-nos reconhecer que nossos tais recursos sofisticados, como a capacidade de pensar, de discernir, a imaginação, a ação, supostamente conquistados e, por decorrência, a nosso dispor, não são uma posse, mas processos cuja dinâmica pode tanto levar a sua expansão, como a seu embotamento, a sua desintegração.

Estamos assombrados com o fato de que nossas capacidades intelectivas podem ser composições que nos levam ao destino, ou que nos abandonam no meio do caminho. Podem ainda se prestar a nos interditar a viagem, a travessia. A sobrevivência que resulta em desenvolvimento está na possibilidade de assumirmos o risco de viajar, de tolerarmos não somente os solavancos da via férrea, as paradas nas estações, os atrasos, as mudanças de

composição, mas também a constatação de que deixamos para trás parte da bagagem que nos seria útil e carregamos parte que não nos vale para o inusitado daquele trajeto: os “entre”, os espaços nos quais o que é irrepresentável é sustentado como algo que, embora sem forma e sem representabilidade, precisa caber em mim. Ou, para usar as palavras de Bion (1994), como um pensamento à espera de um pensador.

O “eu” e o “nós”: espanto, solidariedade, comunicação

Todavia, o caber no “eu” depende também do que cabe no “nós”. Nada é mais reassegurador do que ser escutado por alguém quando nos encontramos perdidos entre pessoas apressadas, letreiros luminosos, alto-falantes anunciando chegadas e partidas em uma estação de trem desconhecida. Em tempos de pandemia, esse encontro pode estar mais raro, posto que todos estamos sendo atingidos pelos mesmos eventos que nos atravessam intensa e profundamente – os mundos superpostos (PUGET, 2014) – que, eventualmente, provocam algum grau de saturação de nossa capacidade de continência (BION, 1965). Difícil, em contextos como o atual, mas indispensável, é o movimento em direção ao outro; e igualmente imprescindível, a disponibilidade para deixar-se encontrar pelo outro. A ação solidária, nas diferentes esferas da vida pública e privada, é elemento vital.

Não por acaso estou utilizando a metáfora da viagem de trem. Madame Tutli-Putli, personagem que dá nome à animação de Chris Lavis e Maciek Szczerbowski (2007), foi outra imagem-sonho a me ocupar nesses dias de preparação para nossa discussão. Trata-se da história de uma senhora que procura carregar todos os seus pertences para embarcar numa viagem de trem. Difícil fazer uso de algum pensamento lúcido quando a composição chega a toda velocidade, arrebatando a passageira que, lânguida e em seu ritmo letárgico, vê arrastando-se atrás de si sua pesada bagagem, quase com vida própria e provavelmente carregada de ressentimento melancólico, que não encontrara até então espaço de elaboração. Ali, encontra-se frente a frente com outros passageiros, com seus medos e fantasmas, estranhos que aparecem como perseguidores, sábios, usurpadores, ou seres gentis. Difícil delimitar o que é interno e o que é externo, sonho ou realidade, verdadeiro ou falso. Mas não são essas as dúvidas que mobilizam, mediante métodos distintos, a produção dos mitos, da arte, da filosofia e das ciências? A composição que passa “ventando”, assim como o cenário da pandemia, produz um efeito que me remete à canção “Lola”, de Chico Buarque (1987): “arrancando páginas dentro de mim desde o primeiro dia”; e é esse efeito, me parece, que catalisa o que é fundamentalmente humano: a capacidade de se espantar e de perguntar.

A pandemia-composição que passa “ventando”, arrancando páginas dentro de nós, lança-nos impiedosamente em direção à questão sobre o sentido de nossa vida. Habitua-nos a ignorar tal questão e seus derivados, ou a olhar superficialmente para eles. Procuramos respostas fáceis que obturem rapidamente o espaço-desejo-angústia que a pergunta, a dúvida, o confronto de perspectivas mobilizam. Evitamos esperar surgir algo que se aproxime do verdadeiro e que reconheça a alteridade, o outro a quem tentamos comunicar a experiência e que nos convoca a pensar sobre ela. O tempo-vento tem nos levado a fugir do espaço-desejo-angústia e a transformar o não saber, rapidamente, em palavra e em ato.

Do uso demasiado das palavras

E esta é mais uma frase que me acometeu nesses dias: “Palavras têm circulado em demasia”. Difícil posição paradoxal a minha, de abordar o excesso de palavras, ao preparar-me para me valer delas. Talvez aí se explique a profusão de imagens que acompanhavam as frases

que me surgiam: elas exigiam morada na mente, exigiam certo estado onírico, fundamental para a fantasia, a imaginação e a criação de cenários possíveis para o enfrentamento do viver (e da pandemia). A meu ver, muito do verbo que circula atualmente não conta de experiência acolhida, processada e transformada em dizer, que se lança em busca de uma outra mente, outro vértice de observação. Ao contrário, está mais para a expulsão da dúvida sobre o sentido do viver e do perder, um não pensamento (BION, 1994), processo em que o outro não existe, é apenas instrumento de replicação, convocado a receber e a repassar aqueles fragmentos em forma de palavras, imutáveis. As palavras são torpedos, evacuação da angústia provocada pela pergunta incômoda; respostas que, como diz Bion (1996), citando Maurice Blanchot, são o infortúnio da pergunta⁴. O uso demasiado das palavras alivia momentaneamente, mas esvazia o sentido da experiência. Ademais, provoca um efeito bumerangue, fazendo retornar à origem outras palavras-torpedo, que se avolumam em nossas mídias digitais, amplificando a angústia da qual procuramos nos livrar. As imagens-sonho, por outro lado, não se prestam à evacuação imediata. Convocam-nos ao exame.

A ação humana de produzir sentido para a própria vida

Então, prossigamos. Trago a imagem de um brinquedo de minha infância, simples, confeccionado em casa, com um canudo de papelão grosso, espelhos inclinados e cacos de vidro de cores variadas que ganhavam forma a cada movimento. Era um caleidoscópio. Nele, os cacos de vidro não eram lançados, expelidos para fora, mas contidos no interior do objeto cilíndrico que era girado em torno de seu eixo, enquanto seu interior era observado. Cacos de vidro, fragmentos aparentemente sem unidade ou sentido, potencialmente perigosos, mas coloridos e, quando envoltos e espelhados, podiam mostrar-se em toda sua riqueza, variedade e provisoriedade de formas e luzes. A mais bela visão não se repetia jamais, mas, ao se desfazer com o movimento, permitia a formação de outra imagem tão ou mais surpreendente. A tolerância ao “desfazer-se” é que torna possível a sobrevivência que rumo ao desenvolvimento. Sem ela, as peças coloridas capazes de produção de sentidos infinitos são apenas cacos de vidro, de cujo perigo nos devemos proteger, eliminando-os, afastando-os mediante expulsão de palavras-cacos.

A ação humana de produzir sentido para a própria vida se dá sobre esses fragmentos de experiência que podemos envolver e espelhar, como faz o caleidoscópio com os cacos coloridos. O sentido não está dado *a priori*, mas se tece no tecido do tempo, como afirma Kehl (2009).

A pandemia, arrancando páginas dentro de nós, nos colocou diante de cacos a serem envolvidos, espelhados. Talvez não cacos tão novos como imaginamos, mas inúmeros deles ignorados por nossa onipotente ilusão de conhecimento e controle do tempo, da vida, do amor, da morte. Para sobrevivermos, a ilusão de controle precisa ceder lugar ao esforço da produção de sentido. Isso provoca medo, mas também nos permite um caminhar.

Medo porque, segundo Bion (1965) nos ensina, para alguns ou, em determinados momentos, para cada um de nós, perdem-se de vista os eventos internos e externos que se enlaçam e nos enlaçam na experiência humana compartilhada. O tecido, então, é apenas um amontoado de furos, de vazados desconexos, tanto nas esferas intrapsíquicas como nas intersíquicas. Concretude pura. Para muitos, a pandemia desencadeou tal experiência catastrófica de dissolução, desaparecimento (BION, 1970); ou, usando uma expressão de Winnicott (1983), um cair para sempre. Mas podemos também enxergar na trama os fios que, entrelaçados, constroem algum senso de continuidade, na interdependência entre laços e furos, no paradoxo entre saber e não saber que, ao fim e ao cabo, dão a medida da vida sendo tecida.

⁴ *La réponse est le malheur de la question.*

Esse é o manejo que pode nos sustentar como sobreviventes da pandemia. Winnicott (2000 [1956], p. 409) define lindamente o “manejo” como “ir ao encontro do momento de esperança e corresponder-lhe”. Talvez assim sobrevivamos à pandemia.

Referências

ARCHANGELO, A. *et al. Educação, comunicação e sobrevivência*. Projeto de pesquisa, Campinas: Faculdade de Educação – Unicamp, 2020. (não publicado)

BION, W. *Transformations: Change from learning to growth*. London: William Heinmann Medical Books, 1965.

BION, W. R. *Attention and interpretation*. London: Jason Aranson, 1970.

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BION, W. R. *Uma memória do futuro — A aurora do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Sobre o narcisismo. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1914.

FREUD, S. The ‘Uncanny’ [1919]. In: FREUD, S. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: An infantile neurosis and other works*. v. XVII (1917-1919). Londres: Hogarth Press; Institute of Psycho-analysis, 1964. p. 217-256.

KEHL, M. R. Aceleração e depressão. Palestra. *Café Filosófico CPFL*. TV Cultura, São Paulo, 24 de junho de 2009. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=kwxYT5n6E9o. Acesso em: 02 maio 2020.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Tradução de E. M. Rocha. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAVIS, C.; SZCZERBOWSKI, M. *Madame Tutli-Putli*. Curta-metragem de animação. Canadá, 2007, 17min15s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=GGyLP6R4HTE. Acesso em: 01 maio 2020.

LOLA. Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. In: FRANCISCO. [S.l.]: Ariola/RCA, 1987. 1 disco vinil, faixa 8.

PUGET, J. Mundos superpostos. Conceito cunhado por Janine Puget e Leonardo Wender. In: ASSOCIACION PSICOANALITICA ARGENTINA. *Diccionario de Psicoanalisis Argentino*. Primera versión. Argentina, 2014. p. 55-58.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO. Conversas sobre tempos de COVID-19. In: WEBINAR SBPSP, 3 de abril de 2020, São Paulo. Mediação de Paula Ramalho da Silva, com participação de Bernardo Tanis, Vera Regina M. Fonseca e Silvana Rea.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. A tendência anti-social [1956]. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Sobre a autora

Ana Archangelo é graduada em Psicologia pela PUC-SP (1988); Mestre (1995), Doutora (1999) e Livre-Docente (2019) pela UNICAMP. Professora na graduação e na pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Líder do grupo de pesquisa DiS (Diferenças e subjetividades em Educação) junto ao CNPq. Entre outros artigos e capítulos de livros, nacionais e internacionais, é autora do livro “O amor e o ódio na vida do professor”, pela editora Cortez, e juntamente com Fabio Villela, dos 4 volumes da coleção “Escola significativa”, publicada pela editora Loyola.

E-mail: ana.archangelo@gmail.com.